



# Aquisição de Segunda Língua e aprendizagem de línguas estrangeiras Representação e interlíngua

Samara Ruas  
Universidade Federal da Bahia, Brasil

AntipodeS, nº 1 - juillet / décembre 2018  
Didactique

<https://portalseer.ufba.br/index.php/Antipodes>  
ISSN électronique : 2596-1837

## Resumo

Este artigo trata da aquisição de Segunda Língua (ASL) com o objetivo de esclarecer as diferenças entre teorias de representação e desenvolvimento, bem como termos e conceitos, e apontar as contribuições desse campo de pesquisa para os estudos sobre a aprendizagem de línguas estrangeiras, com base em evidências empíricas. A partir da leitura de trabalhos que têm sido realizados ao longo de quase 40 anos, propõe-se aqui uma nova perspectiva para os estudos sobre a aprendizagem de línguas estrangeiras no Brasil, à luz dos pressupostos da Teoria Gerativa, em uma abordagem teórica e experimental. O texto parte do esclarecimento de termos e conceitos fundamentais da linha de investigação, delimitando o alcance terminológico e conceitual quando se faz referência aos pares “L1 e L2”, “L2 e língua estrangeira”, “aquisição e aprendizagem”, e o campo da pesquisa em Aquisição de L2. Na sequência, aborda a hipótese do inatismo linguístico e os fenômenos de transferência linguística, opcionalidade e fossilização. Para elucidar o que se propõe, apresenta uma análise sobre a aquisição do francês como L2 por falantes adultos de inglês. Desta maneira, visa a dar visibilidade a aspectos ainda pouco explorados no Brasil, no que diz respeito à representação da interlíngua no processo de aquisição/ aprendizagem de uma L2/língua estrangeira, portanto, em uma perspectiva cognitiva, especificamente, a do inatismo linguístico. Espera, assim, contribuir com a disseminação de uma área de pesquisa que pode enriquecer o nosso conhecimento sobre a aprendizagem de línguas no contexto da educação formal.

## Palavras-chaves

ASL. Línguas estrangeiras. Cognitivismo. Representação. Interlíngua.

## Acquisition d'une seconde langue et apprentissage des langues étrangères Représentation et Interlangue

### Résumé

Cet article traite de l'acquisition d'une Langue Seconde (ALS) afin de clarifier les différences entre les théories de la représentation et du développement, de termes et de concepts, et de mettre en évidence les contributions de ce domaine de recherche aux études sur l'apprentissage des langues étrangères, sur la base de preuves empiriques. À partir de la lecture de recherches menées depuis près de 40 ans, une nouvelle perspective est ici proposée pour les études sur l'apprentissage des langues étrangères au Brésil, à la lumière des hypothèses de la théorie générative, dans une approche théorique et expérimentale. La réflexion part de la clarification des termes et des concepts fondamentaux de la ligne de recherche, en délimitant

son cadre terminologique et conceptuel lorsqu'elle fait référence aux paires « L1 et L2 », « L2 et langue étrangère », « acquisition et apprentissage » et au domaine de la recherche en Acquisition de L2. L'article aborde ensuite l'hypothèse de l'innéisme linguistique et les phénomènes de transfert linguistique, d'optionnalité et de fossilisation. Pour expliciter ce qui est proposé, il présente une analyse de l'acquisition du français en L2 par des adultes anglophones. Il vise ainsi à donner de la visibilité à des aspects qui n'ont pas encore été explorés au Brésil concernant la représentation de l'interlangue dans le processus d'acquisition / apprentissage d'une langue étrangère / langue seconde, donc dans une perspective cognitive, en particulier celle de l'innéisme linguistique. Il espère ainsi contribuer à la diffusion d'un domaine de recherche susceptible d'enrichir les connaissances de l'apprentissage des langues dans le contexte de l'éducation formelle.

## Mots-clefs

ALS. Langues étrangères. Cognitivism. Représentation. Interlangue.

---

## Plano

- 1 Introdução
  - 2 Um ponto de partida: esclarecendo termos e conceitos
    - 2.1 Qual a diferença entre L1 e L2?
    - 2.2 Qual a diferença entre L2 e língua estrangeira?
    - 2.3 Qual a diferença entre aquisição e aprendizagem?
    - 2.4 Qual o campo da pesquisa em ASL?
  - 3 O inatismo linguístico
    - 3.1 O problema lógico da linguagem na L1 e na L2
    - 3.2 A transferência linguística
      - 3.2.1 O papel da L1
    - 3.3 Hipóteses de acesso e transferência
      - 3.3.1 Os estágios inicial e final
      - 3.3.2 A opcionalidade
      - 3.3.3 A fossilização
  - 4 Um exemplo: a aquisição do francês como L2
    - 4.1 Falantes adultos de inglês aprendizes de francês como L2
  - 5 Conclusões
- 

## 1 Introdução

Quando falamos em aquisição de segunda língua no Brasil, é muito comum que o nosso interlocutor pense imediatamente no que seria para ele uma atividade cujos mecanismos envolvidos são bem diferentes: a aprendizagem de língua estrangeira. Contudo, para além da distinção que se costuma estabelecer, por motivos que procuraremos esclarecer, a Aquisição de Segunda Língua (doravante ASL), assim, com iniciais maiúsculas, denomina também um campo de pesquisa com um escopo teórico-metodológico absolutamente abrangente e que pode proporcionar muitas evidências empíricas acerca do processo de aprendizagem de novas línguas.

O objetivo deste trabalho é contribuir com os estudos sobre a aprendizagem de línguas,

especialmente no contexto da educação formal, ampliando a perspectiva acerca do que envolve este processo.

De antemão, tecemos duas considerações: em primeiro lugar, os estudos focados mais especialmente em questões linguísticas da aprendizagem no Brasil, geralmente, estão baseados em modelos estruturalistas, como o da Análise Contrastiva<sup>1</sup> e da Análise de Erros<sup>2</sup>. Assim, as diferenças entre as línguas envolvidas (por exemplo, o português brasileiro e o francês) e a interlíngua são descritas superficialmente, isto é, no nível das unidades linguísticas – do fonema, do morfema, do léxico, da frase – e não das propriedades linguísticas abstratas que subjazem o conhecimento inconsciente do aprendiz ; e em segundo lugar, esses mesmos estudos costumam tratar dos fatores que podem concorrer para o desenvolvimento da interlíngua – a idade, a motivação, o afeto, o contexto de uso, entre outros, mas são poucos os que olham para a representação da interlíngua como pista para entender o que acontece linguisticamente na mente do aprendiz no processo de aprendizagem de línguas.

Nossa contribuição está respaldada em uma perspectiva cognitivista, mais precisamente, inatista. Sob essa perspectiva, estamos interessados em investigar a língua *dentro* da mente. Temos o intuito de apontar como uma teoria de aquisição de segunda língua que pressupõe o inatismo linguístico contribui com os estudos sobre a aprendizagem de línguas e por que isso é efetivamente relevante. Olhar a aprendizagem de línguas sob esta perspectiva nos permite compreender por que o método de ensino ou a (sequência) didática, por melhor que possam parecer, não são fatores determinantes para a mudança linguística na mente do aprendiz, e nos fornece pistas, ou melhor, evidências, para propostas de intervenção mais sólidas, conforme exemplificaremos apresentando um estudo sobre a aprendizagem do francês por falantes adultos de inglês.

Para tanto, organizamos este texto da seguinte maneira: na seção 2, esclarecemos o conceito de L1, L2, língua estrangeira, aquisição e aprendizagem, bem como o escopo teórico-metodológico da pesquisa em ASL ; na seção 3, explicamos a hipótese do inatismo linguístico ; na seção 4, apresentamos, como exemplo, um estudo envolvendo a aprendizagem do francês ; e na seção 5, tecemos as considerações finais.

## 2 Um ponto de partida: esclarecendo termos e conceitos

A pesquisa em ASL faz referência tanto ao processo de aprendizagem de outra língua após a aquisição de uma língua nativa, quanto à aprendizagem de L3, L4, Ln, pois

o aspecto importante é que ASL se refere à aprendizagem de uma língua *depois* de a língua nativa ter sido adquirida [...] L2 pode se referir a qualquer língua aprendida *depois* da L1, independentemente se é a segunda, terceira, quarta ou quinta língua [...] tanto em contexto de aula/instrução formal, quanto de exposição natural<sup>3</sup>.

De antemão, ressaltamos que a relevância de se estabelecer ou não a diferença entre segunda língua e língua estrangeira (ou ainda, língua adicional), aquisição e aprendizagem, depende do

---

<sup>1</sup> Cf. LADO, R. **Linguistics Across Cultures**. Ann Arbor : University of Michigan Press, 1957.

<sup>2</sup> Cf. CORDER, P. The significance of learner's errors. In : **International Review of Applied Linguistics**, v. 5, Berlin : De Gruyter, 1967 ; p. 161-170.

<sup>3</sup> GASS, S. ; SELINKER, L. **Second Language Acquisition : An Introductory Course**. 3rd ed. New York: Routledge/Taylor Francis, 2008 ; p. 7 : “The important aspect is that SLA refers to the learning of a nonnative language after the learning of the native language [...] L2 can refer to any language learned after learning the L1, regardless of whether it is the second, third, fourth, or fifth language [...] in a classroom situation, as well as in more ‘natural’ exposure situations.” Tradução nossa.

objeto de análise, conforme esclarecemos ao longo do texto.

## 2.1 Qual a diferença entre L1 e L2?

Embora seja comum encontrar os termos L1, língua materna e língua nativa em oposição à segunda língua ou L2, nem sempre a L1 corresponde à língua materna ou língua nativa no tratamento dispensado ao assunto<sup>4</sup>. Quando há neutralização dos termos L1, língua materna e língua nativa, o que está em jogo é uma oposição L1 / L2. Aqui, L2 faz referência a qualquer língua adquirida depois de a L1 ter sido adquirida.

A aquisição de L2 pode ser infantil ou adulta. O fator *idade*, o qual está relacionado ao período crítico, é bastante controverso na literatura<sup>5</sup>. Para muitos, se até os três anos a criança foi exposta apenas aos dados do português, por exemplo, esta será a sua L1. Se durante este período ela também foi exposta ao francês, tem-se um caso de bilinguismo simultâneo e, dependendo de sua experiência linguística, sua L1 poderá ser tanto o português quanto o francês. Se ela começou a ser exposta ao francês após este período, tem-se um caso de bilinguismo sequencial ou L2. Após o período crítico – frequentemente associado à puberdade – já se pode considerar como aquisição adulta de L2.

Apesar de a ASL incluir tradicionalmente estudos sobre a aquisição de L3, L4, Ln, isto é, “colocando tudo em um mesmo pacote<sup>6</sup>”, mais recentemente, há estudos específicos voltados para a aquisição de L3.

## 2.2 Qual a diferença entre L2 e língua estrangeira?

Quando se distinguem L2 e língua estrangeira, geralmente, tem-se como critério o contexto de uso da língua<sup>7</sup>.

Sob esta perspectiva, L2 é “tipicamente uma língua dominante social ou oficialmente necessária para a educação, o emprego, e outros propósitos básicos [...] adquirida por membros de grupo minoritário ou imigrantes que falam outra língua nativa<sup>8</sup>”.

Língua estrangeira, por outro lado, “não é amplamente utilizada no contexto social imediato, pode ser usada para viagens futuras ou outras situações de comunicação, ou estudada como um requerimento curricular ou eletivo na escola, mas sem aplicação prática imediata ou

---

<sup>4</sup> Cf. PELUSO CRESPI, L. Lengua maternal y primera: ¿son teórica y metodológicamente equiparables? In : **Sección: Artículos, Lingüística**, 1997 ; & DAVIES, A. **The Native Speaker** : Myth and Reality. Clevedon : Multilingual Matters, 2003.

<sup>5</sup> HERSCHENSOHN, J. Age-related effects. In : HERSCHENSOHN, J. ; YOUNG-SCHOLTEN, M. (Org.). **The Cambridge Handbook of Second Language Acquisition**. Cambridge : Cambridge University Press, 2013 ; p. 317-337.

<sup>6</sup> ROTHMAN, J. ; CABRELI AMARO, J. ; DE BOT, K. Third language acquisition. In: HERSCHENSOHN, J. ; YOUNG-SCHOLTEN, M. (Org.). **The Cambridge Handbook of Second Language Acquisition**. Cambridge : Cambridge University Press, 2013 ; p. 372-393.

<sup>7</sup> Para uma distinção entre língua estrangeira, língua adicional, língua auxiliar, entre outros conceitos, ver LATTEY, E. Contexts for Second Language Acquisition. In : BLACKSHIRE-BELAY, C. A. (Org.) **Current Issues in Second Language Acquisition and Development**. Lanham : University Press of America, 1994 ; p. 77-94.

<sup>8</sup> SAVILLE-TROIKE, M. **Introducing Second Language Acquisition**. Cambridge : Cambridge University Press, 2006 ; p. 4 : “[A second language] is typically an official or societally dominant language needed for education, employment, and other basic purposes. It is often acquired by minority group members or immigrants who speak another language natively.” Tradução nossa.

necessária<sup>9</sup> ”.

Mais adiante, vamos mostrar que, dependendo do objeto de análise, essa distinção pode ser neutralizada. Teorias de representação não estão, a priori, interessadas com o que é externo à mente, aqui, à gramática da interlíngua.

As discussões acerca das diferenças entre L1 e L2, L2 e língua estrangeira também estão relacionadas aos mecanismos cognitivos de aquisição e aprendizagem.

## 2.3 Qual a diferença entre aquisição e aprendizagem?

Outra distinção comumente feita diz respeito aos mecanismos cognitivos de aquisição e de aprendizagem. A aquisição é associada a um mecanismo cognitivo inconsciente, enquanto a aprendizagem, a um mecanismo cognitivo consciente.

Krashen, ao postular o *Modelo Monitor*, afirma que “adultos têm dois sistemas independentes para a capacidade de desenvolvimento em segundas línguas, a aquisição de língua inconsciente [subconsciente] e aprendizagem de língua consciente, e que esses sistemas estão inter-relacionados<sup>10</sup> ”.

Equivocadamente, quando se fala em aprendizagem de L2 ou línguas estrangeiras, alguns ignoram o papel do conhecimento inconsciente, como se este estivesse envolvido apenas no processo de aquisição de L1. Porém, um falante não-nativo pode estranhar uma dada construção, mesmo que não tenha elementos para explicitar o seu estranhamento. Isso porque a *representação mental* (formal, inconsciente) que possui da língua em questão quanto a uma *determinada propriedade linguística* coincide com a da gramática alvo. O inverso também pode ocorrer. Um aprendiz pode ter acabado de receber instrução formal sobre determinada regra linguística, pode saber falar sobre, responder a atividades didáticas e, ao mesmo tempo, em situação espontânea, produzir algo de acordo com a sua L1 ou com outra língua, mas não com a L2. Neste caso também, a *representação mental* que possui da língua em questão quanto a *uma determinada propriedade linguística* não coincide com a da gramática alvo.

Quando o indivíduo está em processo de aprendizagem de línguas, seja em contexto de imersão, seja em contexto de não imersão, o conhecimento inconsciente está atuando o tempo todo, como uma *força* ora favorável, ora não favorável, neste caso, devido à representação da L1, mas também ao *espaço de hipóteses* das línguas naturais. O seu estado de interlíngua pode ser um tal que, para determinado aspecto linguístico, não esteja de acordo com as propriedades da L1, nem com as da L2, mas de alguma língua natural Ln.

Aqui, fazemos referência à hipótese da Gramática Universal. Voltaremos a essa questão mais adiante.

Tendo esclarecido termos e conceitos relevantes para a compreensão do macro-propósito deste artigo, falaremos ainda sobre o campo de pesquisa em ASL mais especificamente, antes de abordar a questão do inatismo linguístico.

## 2.4 Qual o campo de pesquisa em ASL?

---

<sup>9</sup> Ibidem, p. 4 : “[A foreign language] is one not widely used in the learners’ immediate social context which might be used for future travel or other cross-cultural communication situations, or studied as a curricular requirement or elective in school, but with no immediate or necessary practical application.” Tradução nossa.

<sup>10</sup> KRASHEN, S. **Second Language Acquisition and Second Language Learning**. Los Angeles : University of Southern California, 2002 [1ed.1981] ; p. 1: “Adults have two independent systems for developing ability in second languages, subconscious language acquisition and conscious language learning, and that these systems are interrelated.” Tradução nossa.

O escopo teórico-metodológico do campo de pesquisa em ASL deve ser medido mediante a possibilidade de investigar o sistema linguístico de um aprendiz (isto é, representações mentais subjacentes à L2), o desenvolvimento deste sistema, e/ou os fatores que podem contribuir ou dificultar as aproximações no desenvolvimento do aprendiz durante a aquisição da L2<sup>11</sup>.

A diferença entre teorias de representação e teorias de desenvolvimento consiste em que

uma teoria de representação faz afirmações sobre como as gramáticas do aprendiz são (uma gramática que no tempo x consiste em propriedades x e no tempo y, em propriedades y), mas não procuram explicar como ou por que as gramáticas se desenvolvem de um modo particular [...] Para explicar a mudança gramatical (o desenvolvimento), é necessária uma teoria sobre como o *input* da L2 interage com a gramática existente, que propriedades do *input* atuam como gatilho para a mudança, que propriedades forcem a mudança para a representação vigente e o que conduz os estágios de aquisição<sup>12</sup>.

Os fatores que concorrem para o processo de aquisição de segunda língua podem ser de natureza biológica/neurolinguística, cognitiva, psicológica e/ou social.

As diferenças entre as linhas teóricas estão relacionadas aos seguintes aspectos: a teoria linguística, o mecanismo de aprendizagem e o procedimento metodológico. Não há uma única maneira de mapear as teorias em ASL. No entanto, todas têm em comum o fato de distinguir, em um nível macro, abordagens cognitivistas de abordagens não-cognitivistas.

O que reúne as abordagens cognitivistas em um mesmo grupo é o fato de que estas estão interessadas em

identificar a natureza e as fontes do sistema de conhecimento subjacente. Os dados do desempenho são o pilar dos pesquisadores, mas a compreensão da competência subjacente, não o comportamento verbal que depende dessa competência, é o objetivo final<sup>13</sup>.

É importante ressaltar que essas abordagens não negam o papel do contexto social, mas se debruçam mais especificamente sobre a evidência empírica de que a aprendizagem de língua envolve um processo de mudança de um estado mental, o que é, portanto, interno ao indivíduo.

Elas diferem no que diz respeito à natureza do conhecimento subjacente. Por um lado, estão aquelas que pressupõem a existência de um inatismo linguístico e, por outro lado, aquelas que pressupõem a existência de um inatismo geral.

Diferentemente das abordagens cognitivistas, as abordagens não-cognitivistas, denominadas sociais, “veem o aprendizado como uma realização social e postula que o conhecimento e o aprendizado são socialmente distribuídos, possuem histórias sociais e só são possíveis através

---

<sup>11</sup> NORRIS, J. ; ORTEGA, L. Defining and Measuring SLA. In : DOUGHTY, C. J. ; LONG, M. H. (Org.). **The Handbook of Second Language Acquisition**. Malden : Blackwell, 2003 ; p. 717-761 (p. 717).

<sup>12</sup> WHITE, L. On the Nature of Interlanguage Representation : Universal Grammar in the Second Language. In : DOUGHTY, C. J. ; LONG, M. H. (Org.). **The Handbook of Second Language Acquisition**. Malden : Blackwell, 2003a ; p. 19-42 (p. 36-37) : “A representational theory makes claims about what learner grammars are like (a grammar at time X conforms to property X and at time Y to property Y) but does not seek to explain how or why grammars develop in a particular way [...] To account for grammar change (i.e., development), one needs a theory of how the L2 input interacts with the existing grammar, what properties of the input act as triggers for change, what properties force changes to the current representation, what might drive stages of acquisition.” Tradução nossa.

<sup>13</sup> DOUGHTY, C. J. ; LONG, M. H. The Scope of Inquiry and Goals of SLA. In : DOUGHTY, C. J. ; LONG, M. H. (Org.). **The Handbook of Second Language Acquisition**. Malden : Blackwell, 2003 ; p. 3-16. p. 4: “[The focus is] identifying the nature and sources of the underlying L2 knowledge system, and on explaining developmental success and failure. Performance data are inevitably the researchers’ mainstay, but understanding underlying competence, not the external verbal behavior that depends on that competence, is the ultimate goal.” Tradução nossa.

da sociabilidade<sup>14</sup> ”.

Como neste trabalho temos o objetivo de explorar a representação da interlíngua no processo de aquisição / aprendizagem de uma L2 / língua estrangeira, nos restringiremos a falar sobre o inatismo linguístico.

### 3 O inatismo linguístico

Segundo Myles<sup>15</sup>, teorias que pressupõem o inatismo linguístico buscam responder as seguintes perguntas:

1. Qual é o sistema linguístico subjacente ao desempenho do aprendiz, e como eles constroem esse sistema, nos vários estágios de desenvolvimento e nos seguintes módulos: fonologia, morfologia, léxico, sintaxe, semântica, discurso, pragmática?

2. Qual é o papel da língua nativa ou de outras línguas previamente adquiridas, da língua-alvo e das propriedades formais universais das línguas?

O inatismo linguístico, também denominado gramatical ou formal, parte do pressuposto de que o conhecimento da linguagem consiste em uma capacidade humana inata. As propriedades linguísticas fazem parte de uma estrutura específica na mente – a Faculdade da Linguagem (doravante FL). A FL está constituída de um núcleo biológico – a Gramática Universal (doravante GU) – cujos princípios são universais. Há um Dispositivo de Aquisição da Linguagem, o qual é ativado mediante à exposição aos dados linguísticos primários<sup>16</sup>.

Em ASL, pesquisadores gerativistas estão interessados em descrever e analisar o sistema de conhecimento subjacente do aprendiz quanto as suas propriedades formais nos vários estágios do processo de aquisição.

As perguntas feitas inicialmente estavam relacionadas ao papel da GU, isto é, se esta continua atuando no sentido de restringir o “espaço de hipóteses<sup>17</sup>”. Restringir o espaço de hipóteses implica em que a representação mental da interlíngua em qualquer estágio esteja dentro do inventário de possibilidades das línguas naturais. De fato, um dos argumentos favorável à hipótese de atuação da GU é a evidência de que a interlíngua pode apresentar propriedades que não são observadas na gramática da língua nativa nem da língua alvo, mas são observadas em outras línguas naturais.

#### 3.1 O problema lógico da aquisição da linguagem na L1 e na L2

Dentro da perspectiva gerativista, a linguagem humana é uma capacidade inata, radicada na mente/cérebro e dotada de princípios universais. Esta concepção vai de encontro às ideias

---

<sup>14</sup> ORTEGA, L. SLA after the Social Turn. In : ATKINSON, D. (Org.) **Alternative Approaches to Second Language Acquisition**. London : Routledge, 2011 ; p. 167-180 (p. 168) : “View learning as a social accomplishment and posit that knowledge and learning are socially distributed, have social histories, and are only possible through sociality.” Tradução nossa.

<sup>15</sup> MYLES, F. Theoretical approaches. In : HERSCHEISOHN, J. ; YOUNG-SCHOLTEN, M. (Org.) **The Cambridge Handbook of Second Language Acquisition**. Cambridge : Cambridge University Press, 2013. p. 46-70.

<sup>16</sup> CHOMSKY, N. **Knowledge of language** : its nature, origin and use. New York : Praeger, 1986.

<sup>17</sup> WHITE, L. On the Nature of Interlanguage Representation : Universal Grammar in the Second Language. In : DOUGHTY, C. J. ; LONG, M. H. (Org.). **The Handbook of Second Language Acquisition**. Malden : Blackwell, 2003a. p. 19-42.

behavioristas. Chomsky<sup>18</sup>, ao contestar as ideias defendidas por Skinner<sup>19</sup> no livro *Verbal Behavior*, apresenta argumentos contrários à aquisição da língua como um mecanismo de estímulo-resposta.

Os argumentos apresentados por Chomsky foram formulados como problema lógico da aquisição da linguagem (o problema de Platão): como explicar a riqueza e a complexidade do conhecimento de linguagem, dadas as limitações dos dados disponíveis? O que a criança sabe de sua língua vai além do que o *input* permite observar. A criança tem conhecimento daquilo que a sua língua não produz e pode criar enunciados. A pobreza de estímulo, a ausência de evidência negativa e a criatividade linguística constituem evidências para a GU.

A GU está dotada de princípios universais. Há dois tipos de princípios: os invariáveis e os variáveis. Os princípios invariáveis são próprios às línguas naturais. Os princípios variáveis – os parâmetros – são fixados durante o processo de aquisição, a partir dos dados linguísticos primários<sup>20</sup>.

Com relação à ASL, o problema lógico consiste em saber se aprendizes alcançam conhecimento inconsciente que vá além do *input* da L2. Como desdobramento deste problema, essas teorias estavam interessadas em investigar se o conhecimento inconsciente seria alcançado por meio da GU<sup>21</sup>.

Embora se leve em conta o papel desempenhado pela língua nativa do aprendiz, gerativistas se debruçaram mais especificamente na suposição de que as representações mentais de uma língua são restritas por universais próprios da linguagem humana. Esses universais linguísticos restringem o *espaço de hipótese*, de modo que a representação da interlíngua também estaria prevista na GU.

Os vários estudos realizados buscavam responder as seguintes perguntas: a GU continua disponível? ; a GU opera nos estágios iniciais? ; ou a GU opera apenas nos estágios subsequentes?

## 3.2 A transferência linguística

Gass e Selinker<sup>22</sup> assinalam que a aceitação ou rejeição da transferência linguística como conceito viável está relacionada à aceitação ou rejeição da teoria específica à qual está associada.

A transferência pode ser identificada de várias maneiras: influência, interferência, *mixing*, etc. Tem-se usado também o termo *crosslinguistic influence*, a influência que uma língua pode exercer sobre a outra. As diferenças não são apenas terminológicas, há implicação conceitual, mas nos limitaremos a sinalizá-las aqui.

Odlin<sup>23</sup> define transferência linguística como sendo a influência que resulta de similaridades e diferenças entre a língua-alvo e qualquer outra língua que tenha sido previamente adquirida.

Na literatura sobre transferência, é comum associar as similaridades à transferência positiva, e as diferenças, à transferência negativa. Há um debate sobre se o tipo de transferência facilita ou

---

<sup>18</sup> CHOMSKY, N. A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior. In: **Language**, v. 35, n. 1, 1959. p. 26-58.

<sup>19</sup> SKINNER, B. F. **Verbal behavior**. Englewood Cliffs : Prentice-Hall, 1957.

<sup>20</sup> CHOMSKY, N. **Knowledge of language : Its nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986.

<sup>21</sup> WHITE, L. Op. cit. & **Second Language Acquisition and Universal Grammar**. Cambridge : Cambridge University Press, 2003b.

<sup>22</sup> GASS, S. ; SELINKER, L. Op. cit., p. 89.

<sup>23</sup> ODLIN, T. Cross-Linguistic Influence. In : DOUGHTY, C. J. ; LONG, M. H. (Org.). **The Handbook of Second Language Acquisition**. Malden : Blackwell, 2003 ; p. 436-486.

dificulta o processo de aquisição da L2, porém não há um consenso<sup>24</sup>.

Apesar das previsões acerca do que poderia concorrer positiva e negativamente para a aquisição da L2, as quais nortearam (e ainda norteiam) pesquisas centradas em aspectos contrastivos, pesquisadores foram apontando o desafio de se fazerem previsões consistentes. As comparações entre as línguas nem sempre são capazes de prever as dificuldades, e as dificuldades previstas nem sempre se concretizam. O entendimento de como a transferência pode funcionar deve levar em consideração um cruzamento de fatores.

Neste sentido, Jarvis e Odlin sinalizam que

a influência translinguística pode envolver formas fonológicas ou simplesmente estruturas semânticas representadas pela forma ; pode envolver produção e/ou compreensão ; pode envolver morfologia flexional e/ou derivacional ; pode envolver transferência positiva ou negativa. Para fazer previsões bem precisas sobre a morfologia envolvida, dependerá, então, do entendimento de como a transferência pode funcionar em uma ampla gama de maneiras (por exemplo, positiva ou negativa envolvendo produção vs compreensão)<sup>25</sup>.

Embora a transferência linguística seja muito estudada em ASL, não é um fenômeno específico deste campo de pesquisa. Weinreich<sup>26</sup> trata a transferência como um fenômeno inevitável de contato linguístico. Pensamos que, por isso mesmo, deva ser discutida a partir de evidências empíricas abarcadoras. Durante anos, nos estudos sobre aquisição de segunda língua, o foco tem sido estudar a influência da L1 na L2. Contudo, mais recentemente, tem-se mostrado que a influência pode ser bidirecional, isto é, a L2 pode influenciar a L1<sup>27</sup>. Assim como há casos de fossilização, pode haver atrito<sup>28</sup>. Dentro dos estudos sobre bilinguismo há também um importante debate relacionado a essas questões<sup>29</sup>.

### 3.2.1 O papel da L1

Sob uma perspectiva behaviorista, a língua é vista como um conjunto de hábitos. Ao aprender outra língua, o indivíduo transfere os hábitos da L1 para a L2. Sob uma perspectiva gerativista, porém, as línguas naturais são restringidas por princípios universais. Em ASL, busca-se entender em que medida a gramática da interlíngua é restringida por esses mesmos

---

<sup>24</sup> Odlin (2003) menciona o trabalho de Ringbom (1987, 1992), quem atribui à transferência positiva o maior êxito linguístico de aprendizes de inglês falantes de sueco (línguas indo-europeias germânicas) em comparação ao êxito de falantes de finlandês (língua não indo-europeia). Odlin (2003) também menciona o trabalho de Schachter (1974), para quem comparar a suscetibilidade da transferência fonológica e transferência sintática esbarra na frequência de ocorrência de fenômenos fonológicos e sintáticos. Estruturas sintáticas importantes em um sistema gramatical podem ser raras se comparadas com a realização de fonemas de uma língua.

<sup>25</sup> ODLIN, T. Op. cit., p. 442 : “Cross-linguistic influence might involve actual phonological forms or simply the semantic structures represented by the form ; it might involve either production or comprehension, or both ; it might involve inflectional as well as derivational morphology or simply one or the other ; and it could involve either positive or negative transfer. To make highly accurate predictions about bound morphology, then will depend on understanding how transfer can work in a wide range of ways (e.g., positive or negative transfer involving comprehension vs. positive or negative transfer involving production).” Tradução nossa.

<sup>26</sup> WEINREICH, U. **Languages in Contact**. The Hague: Mouton, 1953.

<sup>27</sup> PAVLENKO, A. ; JARVIS, S. Bidirectional transfer. In : **Applied Linguistics**, v. 23, 2002 ; p. 190-214.

<sup>28</sup> Cf. LONG, M. H. **Stabilization and Fossilization in Interlanguage Development** (2003) & MONTRUL, S. A. **Incomplete acquisition in bilingualism**. Amsterdam/Philadelphia : John Benjamins, 2008.

<sup>29</sup> Cf. VALDÉS, G. ; FIGUEROA, R. A. **Bilingualism and testing** (1994) ; DE HOUWER, A. **Early bilingual acquisition** (2005) ; FRANCIS, N. **Imbalances in bilingual development** (2011) ; KROLL, J. et alii (2014) **Two languages in mind**.

princípios, partindo do pressuposto de que a gramática da L1 é restringida pela GU<sup>30</sup>.

Quando se estabeleceu como campo de pesquisa, a ASL gerativista buscava responder as seguintes perguntas: qual seria o seu papel? ; haveria transferência dos valores paramétricos da L1 ou não? ; e até que ponto ocorreria essa transferência?

O papel do aprendiz de L2 seria reconfigurar as propriedades formais de sua L1 para alcançar a gramática-alvo. Inicialmente, essas propriedades eram descritas em termos de parâmetros, e posteriormente, de traços.

### 3.3 Hipóteses de acesso e transferência<sup>31</sup>

Como esclarecemos, a ASL gerativista se estabeleceu com o objetivo de investigar o problema lógico da aquisição da linguagem, isto é, se os aprendizes poderiam alcançar conhecimento inconsciente para além do que o *input* permite observar. Como desdobramento do problema lógico da linguagem, buscava-se responder se este conhecimento seria alcançado por meio da GU.

White<sup>32</sup> apresenta três hipóteses relacionadas ao acesso à GU:

a) *Não acesso* - alguns estudiosos favoráveis à hipótese de *Não acesso* à GU sustentam que na aquisição de L2 não há restrição dos princípios da GU, para outros, as propriedades da GU são acessadas somente via a L1, sob esta ótica, os aprendizes estão “presos” aos parâmetros da L1 ; segundo White, o fato de admitir a restrição da GU via a L1 do aprendiz, já torna o termo “nenhum acesso” inadequado, deste modo, esta hipótese é chamada também de *Acesso parcial* ;

b) *Acesso direto* - de acordo com a hipótese do *Acesso direto* (ou *Acesso total*<sup>33</sup>), a interlíngua evidencia restrições dos princípios da GU e a fixação de outros parâmetros que não os da L1: os aprendizes de L2 chegam a propriedades relevantes da L2 independente da gramática da L1 ;

c) *Acesso indireto* - proponentes da hipótese do *Acesso indireto* defendem que, inicialmente, o acesso ocorre via a gramática da L1, com a possibilidade de uma posterior reestruturação da gramática e da refixação dos valores paramétricos, em função da exposição do aprendiz aos dados da L2.

Para White, os princípios que governam o processo de aquisição da L1 são verificados também no processo de aquisição da L2. A autora argumenta que o comportamento linguístico dos aprendizes de L2 pode ser explicado em termos de uma interlíngua que é restringida por princípios e parâmetros da GU via a L1. Por meio da exposição aos dados da L2, o aprendiz altera os valores paramétricos iniciais. Desta sorte, também haveria acesso direto à GU.

Vários estudos apresentam evidências favoráveis a esta hipótese, tais como a pobreza de

---

<sup>30</sup> SCHWARTZ, B. D. ; SPROUSE, R. A. Generative approaches and the poverty of the stimulus. In : HERSCHENSOHN, J. ; YOUNG-SCHOLTEN, M. (Org.). **The Cambridge Handbook of Second Language Acquisition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013 ; p. 137-158 (p. 152).

<sup>31</sup> Para uma abordagem mais completa, ver Ruas: **Aquisição da ordem de palavras do espanhol mexicano como L2 por falantes adultos brasileiros** (2017) & **A pesquisa gerativista em Aquisição de Segunda Língua: Uma revisão** (2018).

<sup>32</sup> WHITE, L. Op. cit.

<sup>33</sup> White (op. cit., p. 27-28) esclarece que os termos “direto” e “total” não foram/são usados sob as mesmas prerrogativas na literatura. Alguns falavam em *acesso direto* no sentido de que aprendizes adquirem as propriedades da GU independentemente de sua L1, outros se referiam a qualquer configuração paramétrica legítima (na L1, L2, Ln). *Acesso total* corresponde de certo modo a *acesso direto*. Enquanto para alguns isso implica que a GU opere independentemente da representação da L1, para outros, não.

estímulo e as diferenças paramétricas existentes entre a L1 e a L2. Há fenômenos investigados na aquisição de L2 que não são determinados pelos dados recebidos. Além disso, o fato de o fenômeno investigado apresentar parâmetros não observados na L1 e na L2 também evidenciaria a atuação da GU, se os desvios do aprendiz não refletem nem a gramática da L1, nem a da L2, mas são verificados em outras línguas naturais.

### 3.3.1 Os estágios inicial e final

Além da discussão acerca do problema lógico da linguagem e da atuação da GU na L2, outra questão específica e amplamente discutida foi a natureza dos estágios inicial e final, o que está relacionado às questões anteriores.

De modo geral, é possível dividir as hipóteses em dois grupos: por um lado, estão aquelas que defendem que o estágio inicial corresponde à GU ; por outro lado, aquelas que rejeitam essa ideia, e defendem que o estágio inicial corresponde à L1. Elas podem divergir ainda quanto ao papel da L1, isto é, se o estágio inicial – com ou sem restrição da GU – corresponde à L1 com todas as suas propriedades ou com algumas de suas propriedades.

Sauter<sup>34</sup>, considerando as questões relacionadas ao papel da L1 e da GU no processo de aquisição de L2, mapeia as seguintes hipóteses: *Nenhuma Transferência/Nenhum Acesso* ; *Nenhuma Transferência/Acesso Total* ; *Transferência Parcial/Nenhum acesso* ; *Transferência Parcial/Acesso Total* ; *Transferência Total/Nenhum acesso* ; e *Transferência Total/Acesso Total*<sup>35</sup>.

Considerando as hipóteses que postulam a atuação da GU, o estágio final (ou estacionário) pode ser: (i) idêntico ao da gramática dos falantes de L2, sujeito às mesmas restrições da GU e configurações paramétricas ; (ii) diferente, com restrição da GU ; ou (iii) diferente, sem restrições da GU.

De acordo com (i) e (ii), há atuação da GU desde o início do processo de aquisição até o estágio estacionário. Estas duas hipóteses diferem quanto à possibilidade ou não de que a gramática do falante de L2 seja semelhante ao do falante nativo. De acordo com (iii), a gramática é comprometida, de modo que o estágio final dos falantes de L2 será radicalmente diferente da gramática dos nativos.

Essas hipóteses fazem as seguintes previsões acerca do estágio final:

- a) convergência (*native-like*) — segundo esta corrente, a gramática do estágio final da L2 é igual à gramática do falante nativo da L2, pois é restrita pelos mesmos princípios e possui os mesmos valores paramétricos ;
- b) divergência condicionada pela GU (*near-native*) — a gramática da L2 difere da gramática dos falantes nativos porque pode combinar propriedades da L1 e da L2, além de outras línguas ;
- c) divergência não-condicionada pela GU (*non-native*) — a gramática do estágio estacionário é qualitativamente distinta da gramática do falante nativo da L2. Seria um tipo de gramática “selvagem” (*wild*).

White assinala que acesso não implica dizer que haverá necessariamente convergência na gramática final do falante de L2. Acrescenta também que o desempenho não reflete fielmente a

---

<sup>34</sup> SAUTER, K. **Transfer and Access to Universal Grammar in Adult Second Language Acquisition**. 2002. 212 p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculteit der Letteren, Rijksuniversiteit Groningen, 2002.

<sup>35</sup> Muitas dessas hipóteses receberam nomes. Entre as que consideram que o estágio inicial corresponde à GU estão a *Hipótese Inicial da Sintaxe* e de *Acesso Total (sem transferência)* ; entre as que consideram que o estágio inicial corresponde à gramática da L1 estão a *Hipótese das Árvores Mínimas*, a *Hipótese dos Traços sem Valores* e a de *Transferência Total/Acesso Total*. Essas hipóteses são revisadas por White (2003b), no capítulo 3.

competência do falante, de maneira que esta seja muitas vezes subestimada pela *performance*. A hipótese defendida pela autora – *Transferência Total/Acesso Total* – daria conta tanto da possibilidade de convergência, quanto de divergência entre a gramática final do falante de L2 e a do nativo.

### 3.3.2 A opcionalidade

Outra questão muito discutida diz respeito à opcionalidade, comumente constatada no estágio final da aquisição de L2. Na literatura gerativista, associa-se a variabilidade a uma gramática da L2 “falha”, “incompleta”, ou ainda, “com prejuízos”.

Como assinala Sorace<sup>36</sup>, uma das diferenças entre a aquisição de L1 e L2 consiste, respectivamente, na eliminação e não eliminação das formas opcionais que não fazem parte da gramática alvo (nativa, adulta). Com outras palavras, enquanto na aquisição de L1 há um período de subespecificação de propriedades em que variações opcionais ausentes na gramática alvo serão selecionadas e posteriormente eliminadas, na aquisição de L2, a subespecificação de propriedades é comumente observada nas gramáticas “finais” dos aprendizes:

No estágio final típico da L2, caracterizado pela opcionalidade, variantes opcionais não estão em livre variação: um estágio final é alcançado, em que a opção-alvo é fortemente, mas não categoricamente preferida e, assim, a opção não-alvo se manifesta em algumas circunstâncias<sup>37</sup>.

Há várias hipóteses acerca da opcionalidade no estágio final, as quais podemos dividir em dois grupos: em um grupo estão aquelas que se centram em questões relacionadas ao desempenho (como, por exemplo, processamento *on-line*, memória e recuperação lexical) ; e em outro, aquelas que se centram em questões relacionadas à competência, isto é, a representação da gramática do aprendiz. Devido aos objetivos deste texto, serão abordadas algumas das hipóteses enquadradas neste segundo grupo.

Valenzuela<sup>38</sup> as divide em hipóteses de “prejuízo” e de “não-prejuízo”. De acordo com as primeiras, novas projeções funcionais (relacionadas a *Flexão*, *Tempo*, *Concordância*, etc.), traços funcionais e/ou suas especificações não são adquiríveis após o período crítico. Elas seguem a linha defendida por Tsimpli e Roussou<sup>39</sup>, Smith e Tsimpli<sup>40</sup> e Hawkins e Chan<sup>41</sup>. De acordo com as segundas, categorias funcionais, traços funcionais e/ou suas especificações são adquiríveis na aquisição adulta de L2. Elas seguem a linha defendida por Schwartz e Sprouse<sup>42</sup>

---

<sup>36</sup> SORACE, A. Near-Native. In: DOUGHTY, C. J. ; LONG, M. H. (Eds.). **The Handbook of Second Language Acquisition**. Malden: Blackwell, 2003 ; p. 130-151.

<sup>37</sup> SORACE, A. Initial states, end-states, and residual optionality in L2 acquisition. In : GREENHILL, A. ; LITTLEFIELD, H. ; TANO, C. (Eds.). **Proceedings of the 23rd Boston University Conference on Language Development**. Somerville : Cascadilla Press, 1999 ; p. 666-674 (p. 666). Tradução nossa.

<sup>38</sup> VALENZUELA, E. On Complementizer Phrase Positions in L2 Spanish. In : LICERAS, J.M. ; ZOBL, H. ; GOODLUCK, H. (Ed.), **The Role of Formal Features in Second Language Acquisition**. New York : Lawrence Erlbaum Associates ; 2008. p. 535–560 (p. 541).

<sup>39</sup> TSIMPLI, I. M. ; ROUSSOU, A. Parameter-resetting in L2? **UCL Working Papers in Linguistics**, London, 1991 ; p. 149-170.

<sup>40</sup> SMITH, N. ; TSIMPLI, I. M. **The Mind of a Savant**. Oxford : Blackwell, 1995.

<sup>41</sup> HAWKINS, R. ; CHAN, C.Y. H. The partial availability of Universal Grammar in second language acquisition : The ‘Failed Functional Features Hypothesis’. In : **Second Language Research**, v. 13, n° 3, 1997 ; p. 187-226.

<sup>42</sup> SCHWARTZ, B. D. ; SPROUSE, R. A. Op. cit.

e White<sup>43</sup>.

Tsimpli e Roussou e Smith e Tsimpli formulam a *Hipótese de Não Reconfiguração Paramétrica*. Nesta hipótese, o sub-módulo da GU que contém todas as categorias funcionais – no qual se dá a variação paramétrica – está sujeito a restrições maturacionais, em outras palavras, ao período crítico. Na aquisição da L2, esse módulo funcional não estaria mais acessível, levando à “falha” representacional. Sendo assim, a reconfiguração paramétrica não seria possível quando a L1 e a L2 envolvidas nesse processo apresentassem diferentes valores paramétricos.

Em linha com a hipótese anterior, Hawkins e Chan defendem a *Hipótese dos Traços Funcionais Falhos*. O aprendiz adulto pode alcançar uma representação gramatical próxima a do falante nativo, mas só quando isso envolve propriedades para as quais há evidência positiva. Traços não selecionados antes do período crítico – ausentes na L1 – estariam indisponíveis.

Mais recentemente, dentro da *Abordagem de Déficit Representacional*, Tsimpli e Mastropavlou<sup>44</sup> defendem que traços não-interpretáveis são problemáticos na aquisição da L2 (assim como da L1).

De outra sorte, na linha da hipótese de *Transferência Total/Acesso Total*, Schwartz e Sprouse<sup>45</sup> defendem que propriedades ausentes na L1 podem ser adquiridas na L2. Desvios podem ser decorrentes do desempenho, não refletindo, portanto, a competência.

Outras duas hipóteses que merecem destaque são a *Hipótese de Flexão Ausente* e a *Hipótese de Transferência Prosódica*. Naquela, um traço morfossintático pode estar representado na gramática do aprendiz, com as suas consequências sintáticas, sem a sua realização morfológica visível. Nesta última, as propriedades fonológicas da L1 podem concorrer para a não realização de determinada forma.

Mais recentemente, tem-se averiguado a *Hipótese da Interface*<sup>46</sup>, segundo a qual estruturas que envolvem interface entre a sintaxe e outros domínios são menos prováveis de serem adquiridas completamente. Esta hipótese tem sido muito discutida nos estudos interessados em investigar aspectos linguísticos envolvendo a interface sintaxe-pragmática.

### 3.3.3 A fossilização

O conceito de fossilização tem sido utilizado com base em noções variadas na literatura sobre ASL.

Como sinaliza Long<sup>47</sup>, o conceito de fossilização foi formulado em referência à retenção permanente de regras desviantes, apesar da constante possibilidade de desenvolvimento da L2. O estado permanente da fossilização era entendido como produto, enquanto que a estrutura psicológica subjacente do aprendiz estaria sujeita à fossilização como processo, um mecanismo que consistiria em suposições equivocadas e que poderia explicar o desvio, segundo Selinker<sup>48</sup>.

Para o autor, dois são os problemas relacionados aos estudos sobre fossilização: em primeiro lugar, tomar como evidência a realização não-nativa da língua-alvo, sem observar a competência ; em segundo lugar, ignorar que é em si mesma um mecanismo de processo,

---

<sup>43</sup> WHITE, L. Op. Cit. & **Second Language Acquisition and Universal Grammar**. Cambridge : Cambridge University Press, 2003.

<sup>44</sup> TSIMPLI, I. M. ; MASTROPAVLOU, M. Feature interpretability in L2 acquisition and SLI : Greek clitics and determiners. In : LICERAS, J.M. ; ZOBL, H. ; GOODLUCK, H. (Eds.), **The Role of Formal Features in Second Language Acquisition**. New York : Lawrence Erlbaum Associates, 2008 ; p. 142-183.

<sup>45</sup> SCHWARTZ, B. D. ; SPROUSE, R. A. Op. cit.

<sup>46</sup> SORACE, A. Pinning down the concept of “interface” in bilingualism. In : **Linguistic Approaches to Bilingualism**, v. 1, n. 1, 2011 ; p. 1-33.

<sup>47</sup> LONG, M. H. op. cit.

<sup>48</sup> SELINKER, L. **Interlanguage**. International Review of Applied Linguistics, v. 10, 1972. p. 209-231.

controlado por outros fatores, tais como a transferência da L1.

Neste sentido, o autor defende ser mais interessante se utilizar do conceito originalmente formulado, pois permite alegar que o estado vigente de desenvolvimento corresponde ao estado final permanente porque um aluno não pode avançar mais, o que diz algo a respeito da perda da capacidade para adquirir.

O que parece ser o maior desafio nos estudos sobre fossilização é constatação de que o aprendiz chegou de fato a um ponto de desenvolvimento final, tendo perdido, assim, a sua capacidade para adquirir.

Han<sup>49</sup> defende que a fossilização é um processo cognitivo verificável em um longo período de estabilização. A fossilização só poderia ser constatada mediante a realização de estudos longitudinais que demonstrassem ocorrência invariante de formas na interlíngua, retrocesso e variações estabilizadas ao longo do tempo<sup>50</sup>.

Nas palavras de Long, “se a fossilização de fato ocorre, opera localmente, não globalmente<sup>51</sup>”. Para demonstrar que a fossilização afeta módulos específicos “é necessário fornecer provas de que os elementos em questão deixaram de se desenvolver enquanto outros subsistemas da interlíngua continuaram avançando<sup>52</sup>”.

## 4 Um exemplo: a aquisição do francês como L2

Nesta seção, temos como objetivo mostrar (apenas como exemplo) como se pode fazer pesquisa gerativista em ASL, e como esta pode contribuir com os estudos sobre a aprendizagem de línguas estrangeiras. Devido à limitação de espaço, será apresentado apenas o trabalho de Herschensohn<sup>53</sup>.

Herschensohn, com base nos pressupostos teóricos da Teoria Gerativa, na versão do Programa Minimalista de Chomsky<sup>54</sup>, defende uma hipótese construcionista para a aquisição de L2. De acordo com a sua hipótese, a aquisição se dá em etapas específicas de construção morfo-lexical, de modo que há um período de significativa variabilidade na interlíngua.

No minimalismo, os traços formais podem ser interpretáveis ou não-interpretáveis para a sintaxe. Traços interpretáveis não dependem de operações sintáticas para que sejam “reconhecidos”, isto é, checados, como, por exemplo, os categoriais (os que indicam as categorias lexicais [N], [V], [A], [Adv], [P]<sup>55</sup>) e os que indicam número, gênero e pessoa de nomes. Traços não-interpretáveis recebem valor quando são checados por traços interpretáveis, como os traços de Caso de um SD (*Sintagma Determinante*) ou SN (*Sintagma Nominal*), os

---

<sup>49</sup> Apud LONG, M. H. op. cit.

<sup>50</sup> Este seria o caso da pesquisa de Lardiere (2000). A autora observou a gramática do inglês/L2 de Patty durante um longo período de tempo nos EUA. Os resultados de sua pesquisa indicavam que Patty já havia alcançado um estágio estacionário. Embora tivesse conhecimento de categorias funcionais e traços associados com a flexão verbal – caso pronominal de sujeito, posição de verbo em relação à negação e advérbios, presença de interrogativas QU- e cláusulas encaixadas com complementizadores – a marcação morfológica (ou melhor, morfo-fonológica) evidenciava um caso de fossilização.

<sup>51</sup> LONG, M. H. Op. cit., p. 512.

<sup>52</sup> Ibidem

<sup>53</sup> HERSCHENSOHN, J. Minimally raising the verb issue. In : GREENHILL, A. et al. (Eds.). **Proceedings of the 22nd Annual Boston University Conference on Language Development**. Somerville, MA : Cascadilla Press, 1998 ; p. 325-336. Cumprer assinalar que o trabalho a ser apresentado foi selecionado apenas por sua pertinência, tendo em vista o objetivo da seção. Aqui, não será feita uma apreciação crítica, pois o objetivo não é problematizar hipóteses ou modelos de representação em ASL. Para uma apreciação crítica, ver RUAS, S.S.A., op. cit.

<sup>54</sup> CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge : MIT Press, 1995.

<sup>55</sup> N, V, A, Adv, P se referem, respectivamente, a nome, verbo, adjetivo, advérbio e preposição.

quais são não-interpretáveis, checados pelo traço de Caso acusativo do verbo, o qual é interpretável.

Explicando de maneira bastante simplória, os traços formais podem ser [fortes] ou [fracos]. Traços [fortes] precisam ser checados e apagados na sintaxe visível (na sintaxe pronunciada), o que requer movimento de constituintes. Traços [fracos], no entanto, não precisam ser checados e apagados na sintaxe visível e, portanto, não desencadeiam movimento de constituintes.

Quando um núcleo funcional, como Flex (Flexão), tem traços formais [fortes] em determinada língua, isso provoca, por exemplo, o movimento do verbo para esta posição. Assim, as ordens verbo-advérbio ou verbo-negação evidenciam que o verbo se moveu de uma posição mais baixa para uma mais alta com relação ao advérbio e à negação. Este seria o caso do francês. Diferentemente, se o núcleo Flex tem traços formais [fracos] em determinada língua, não há movimento do verbo para esta posição. Assim, as ordens advérbio-verbo ou negação-verbo evidenciam que o verbo permaneceu em uma posição mais baixa com relação ao advérbio e à negação.

## 4.1 Falantes adultos de inglês aprendizes de francês como L2<sup>56</sup>

Voltemos à pesquisa de Herschensohn. A autora realizou um teste de produção, no qual buscava investigar, junto a falantes do inglês, aprendizes de francês como L2, o comportamento da negação, dos advérbios e do deslocamento do verbo. A relevância do seu estudo se deve às diferenças entre a L1 e a L2 quanto às propriedades formais envolvidas.

Na L1 dos aprendizes – o inglês – Flex tem traços verbais abstratos [fracos], o que faz com que o verbo permaneça no SV, o qual se encontra em uma posição mais baixa que SFlex. Na L2 (a língua-alvo) – o francês – Flex tem traços verbais [fortes] que forçam o movimento do verbo em sintaxe visível, derivando a ordem V-Adv/Neg. Como se pode observar, nesta ordem, o advérbio e a negação se encontram à direita do verbo.

Havia dois grupos de sujeitos: um de nível intermediário mais baixo e outro de nível intermediário mais alto. No primeiro teste, a autora trabalhou com os advérbios de frequência “souvent”, “rarement”, “ne...jamais” (“often”, “rarely”, “never”). No segundo, com os advérbios de qualidade “bien”, “mal” e a negação “ne...pas” (“well”, “poorly”, “not”).

Os principais desvios observados foram: flexão do verbo (a) ; ordem da negação (“jamais”) (b) ; ordem Adv-V (c) ; e ordem V-XP-Adv (d)<sup>57</sup>.

Os dados estão explicitados abaixo:

a)

- \*Nous ne **bevons** *jamais* de lait. (= buvons) [‘Nós nunca bebemos leite.’]
- \*Vous ne **faisez pas** vos devoirs. (= faites) [‘Você não faz o seu dever.’]

b)

- \*Nous ne *jamais* **prenons** une photo de ta famille. (= prenons\_ *jamais*) [‘Nós nunca fazemos uma foto da tua família.’]
- \*Jean ne jamais **écrit** une lettre à ta mère. (= écrit *jamais*) [‘Jean nunca escreveu uma carta para a sua mãe.’]

c)

- \*Tu *rarement* **écrits** une lettre à ta mère. (= écris *rarement*) [‘Você raramente escreve uma carta para a sua mãe.’]

---

<sup>56</sup> Para um estudo semelhante envolvendo a aquisição do francês como L2 por falantes do português brasileiro, ver ALBUQUERQUE, T. R. K. **A Aquisição do movimento do verbo em francês como L2 por falantes do português brasileiro**, 2016.

<sup>57</sup> XP representa um sintagma qualquer.

- \*Je *bien* **fais** mes devoirs. (= fais bien) ['Eu faço bem meu dever.']

d)

- \*Jean **mange** des escargots *souvent*. (= mange souvent) ['Jean come caracóis frequentemente.']

- \*Vous **jouez** au tennis *mal*. (= jouez mal) ['Você joga tênis mal.']

Os dados mostram que, na flexão, há desvios no caso de verbos irregulares (*bevons* > *buvons*, *faissez* > *faites*). No caso da negação com "*pas*", ambos os grupos não cometeram desvios. Diferentemente, com "*jamais*" houve um considerável desvio produzido pelo grupo de nível mais baixo.

Os desvios cometidos com relação à ordem Adv-V chamam atenção tanto pela recorrência quanto pelo fato de que, com os advérbios de qualidade, em que na L1 apresenta a ordem V-XP-Adv, houve a realização da ordem Adv-V. O maior índice de desvio em sentenças envolvendo advérbios foi encontrado com os de frequência, em que se tem na L1 a ordem Adv-V-XP, mas na L2, V-XP-Adv. Essas considerações parecem indicar que não se trata, portanto, de uma simples transferência da L1 para a L2.

Os testes evidenciam etapas de construção no processo de aquisição do francês como L2, a saber:

- (i) persistência dos valores da L1 (por exemplo, ordem neg. / AV-XP) ;
- (ii) enfraquecimento dos valores da L1 ;
- (iii) "construções" adquiridas na L2 para determinados itens lexicais (por exemplo, *pas*) ;
- (iv) aquisição gradual do traço [+ interpretável] ;
- (v) generalização da construção referente à classe morfo-lexical da L2 (a negação, por exemplo) ; e
- (vi) o valor de Flex é definido como [forte] e, então, a morfologia torna-se completa.

Na etapa (i), os valores paramétricos da L1 persistem, e são produzidos desvios na L2 como, por exemplo, as ordens Neg-V e Adv-V. Em seguida, os dados com "*pas*" produzidos na L2 aparentemente não revelam desvios, o que significa ausência de transferência da L1. Ao deslocar o verbo e flexioná-lo, o aprendiz demonstra ter deixado o traço [fraco] de flexão do inglês. Nas etapas (iii), (iv) e (v), isto é, relacionadas com a aquisição de construções morfo-lexicais, verifica-se uma oscilação em função do item específico, "*pas*" ou "*jamais*". Com "*pas*", não houve desvios, diferentemente do que se observou com "*jamais*".

Os dados a seguir mostram que aprendizes de nível intermediário mais alto foram capazes de produzir sentenças de acordo com os padrões da língua-alvo, tanto com relação à posição do advérbio, quanto da negação:

a) Vous *ne* **savez** *pas* du tout la réponse. ['Você não sabe de toda a resposta.'];

b) Tu **vas** *rarement* au cinéma. ['Você raramente vai ao cinema.'];

c) Marie **lit** *mal* ce roman. ['Maria lê mal este romance.'].

A autora conclui que os testes mostram que as etapas detectadas no processo de aquisição de L2 se dão de modo construcionista: há uma perda dos valores paramétricos da L1, seguida de subespecificação e construção dos valores da L2 e, finalmente, a reconfiguração paramétrica. No período de subespecificação os valores da L2 foram adotados para construções específicas – "*pas*" antes de "*jamais*" – e depois para advérbios – os de qualidade antes dos de frequência.

## 5 Conclusões

Neste artigo, tratamos das teorias de Aquisição de Segunda Língua e da aprendizagem de línguas estrangeiras. Procuramos esclarecer as diferenças entre essas teorias quanto ao seu escopo teórico-metodológico, bem como termos e conceitos relevantes, e apontar as contribuições deste campo de pesquisa para os estudos sobre a aprendizagem de línguas estrangeiras, com base em evidências empíricas. Abordamos aspectos pouco explorados no Brasil, no que diz respeito à representação da interlíngua no processo de aquisição/aprendizagem de uma L2/língua estrangeira, e exemplificamos tais aspectos apresentando os resultados de uma pesquisa realizada com falantes de inglês aprendizes de francês.

Defendemos a importância de que a interlíngua seja descrita e analisada quanto a sua representação mental, em termos de propriedades formais. Este constitui o objeto de estudo da pesquisa gerativista. Quando olhamos para a interlíngua com foco na estrutura das línguas envolvidas, a L1 e a L2, não há como explicar o que está acontecendo linguisticamente na mente do aprendiz, o locus da representação e da mudança de um estado de língua x para um estado de língua y, e assim sucessivamente, até que se alcance um estado de língua estável.

Não se pode perder de vista que, se por um lado, a L1 influencia a L2, por outro lado, há evidências de que a interlíngua pode apresentar propriedades de outra língua natural, o que advoga favoravelmente à hipótese de atuação da GU, como um “espaço de hipóteses” que restringe o inventário de gramáticas possíveis, incluindo, portanto, a gramática da interlíngua.

Estruturas superficialmente semelhantes não pressupõem as mesmas propriedades formais subjacentes. Portanto, comparar estrutural e superficialmente as línguas envolvidas com o intuito de prever as dificuldades ou os “erros” dos aprendizes pode ser um labor fadado ao fracasso. Aparentes semelhanças nas línguas não resultam, necessariamente, do mesmo conjunto de propriedades nas línguas (podemos pensar, por exemplo, na ordem de palavras ; o fato de duas línguas licenciarem ordens como SV(O), VS(O), VO(S) não significa que estas sejam linguisticamente equivalentes). Essa observação é muito pertinente, já que, como professores de línguas estrangeiras, não raras as vezes, não entendemos por que os nossos alunos cometem desvios quanto a aspectos linguísticos em que, aparentemente, a L1 se assemelha a L2.

Quanto ao processo de aprendizagem, em seus vários estágios, estudos evidenciam que a mudança linguística na mente do aprendiz não ocorre de uma só vez. Assim, o fato de o aprendiz produzir a ordem adequada quando isso envolve determinados itens lexicais ou tipos de predicados não significa que o fará em todos os demais casos, mas isso não parece ocorrer aleatoriamente. Embora sejam muitos os fatores externos à gramática que podem concorrer para essa assimetria, tais como frequência e *input*, do ponto de vista da representação, questões importantes podem estar em jogo.

Acreditamos que um caminho viável e necessário para o diálogo entre a ASL e os estudos sobre a aprendizagem de línguas estrangeiras é fazer da sala de aula um laboratório, o que requer rigor metodológico para a coleta, descrição e análise de dados e averiguação de hipóteses. Muito do que se diz sobre a aprendizagem de línguas é fortemente influenciado pelo saber da experiência pessoal, isto é, pela percepção de cada um acerca de sua própria experiência como aprendiz, e não com base empírica, científica.

Concretamente, o professor de francês para falantes de inglês poderia, por exemplo, “testar” a hipótese de Herschensohn propondo uma sequência didática que organize o ensino da ordem verbo-advérbio com base nos resultados da autora. O professor de francês para falantes de português brasileiro poderia fazer o mesmo com base nos resultados de Albuquerque. Se há evidências de que o aprendiz não aprende a ordem verbo-advérbio simetricamente, mas sim em função do tipo de advérbio, por que não começar o ensino da ordem verbo-advérbio por aqueles advérbios que, do ponto de vista da representação, levam menos tempo para a internalização e realização da regra relacionada ao movimento do verbo? Começar pelo o que parece estar mais saliente, perceptível, não seria mais eficaz no exercício da reflexão metalinguística?

Com base no que apresentamos, esperamos poder contribuir para o desenvolvimento de

novas perspectivas e pesquisas acerca dos estudos sobre a aprendizagem de línguas estrangeiras no Brasil. Claramente, este trabalho demonstra um comprometimento com uma nova agenda de pesquisa que vem se desenvolvendo recentemente no Brasil, interessada em articular teorias linguísticas e educação. Aqui, especificamente, a gramática gerativa e a aprendizagem de línguas estrangeiras.

---

## Second Language Acquisition and foreign language learning Representation and Interlanguage

### *Abstract*

This article discusses Second Language Acquisition (SLA) in order to clarify the differences between theories of representation and development, terms and concepts, and to highlight the contributions of this area of research to studies on foreign language learning, based on empirical evidences. From the reading of researches conducted for almost 40 years, a new perspective is proposed here for studies on foreign language learning in Brazil, in the light of hypotheses of generative theory, from a theoretical and experimental approach. The reflection starts from the clarification of the terms and fundamental concepts of the research line, delimiting his terminological and conceptual framework when it refers to the pairs "L1 and L2", "L2 and foreign language", "acquisition and learning" and to the field of research in acquisition of L2. The article then discusses the linguistic innatist hypothesis and phenomena of linguistic transfer, of optionality and of fossilization. To explain what is proposed, it presents an analysis of the acquisition of French as L2 by English-speaking adults. It aims to give visibility to aspects that have not been explored in Brazil yet regarding the representation of the interlanguage in the process of acquisition / learning of a foreign language / second language, in a cognitive perspective, especially that of linguistic innatism hypothesis. This article hopes to contribute to the dissemination of a field of research that can enrich the knowledge of language learning in the context of formal education.

### *Keywords*

SLA. Foreign Languages. Cognitivism. Representation. Interlanguage.

## Adquisición de Segunda Lengua y aprendizaje de lenguas extranjeras Representación e interlengua

### *Resumen*

Este artículo trata de presentar la investigación en Adquisición de Segunda Lengua (ASL) con el objetivo de aclarar las diferencias entre teorías de representación y de desarrollo, así como términos y conceptos, y señalar las contribuciones a los estudios sobre el aprendizaje de lenguas extranjeras, con base en evidencias empíricas. A partir de la lectura de trabajos que se han realizado a lo largo de casi 40 años, se propone aquí una nueva perspectiva para los estudios sobre el aprendizaje de lenguas extranjeras en Brasil, a la luz de los presupuestos de la Teoría Generativa, bajo un enfoque teórico y experimental. El texto parte de la aclaración de términos y conceptos fundamentales en la línea de investigación, delimitando el alcance terminológico y conceptual cuando se hace referencia a los pares "L1 y L2", "L2 y lengua extranjera", "adquisición y aprendizaje", y el campo de la investigación en adquisición de L2. Enseguida aborda la hipótesis del innatismo lingüístico y los fenómenos de transferencia

lingüística, opcionalidad y fosilización. Para dilucidar lo que se propone, presenta un análisis sobre la adquisición del francés como L2 por hablantes adultos de inglés. De esta manera, pretende dar visibilidad a aspectos aún poco explorados en Brasil, en lo que se refiere a la representación de la interlengua en el proceso de adquisición / aprendizaje de una L2 / lengua extranjera, por lo tanto, desde una perspectiva cognitiva, específicamente, la del innatismo lingüístico. Se espera que el texto contribuya con la diseminación de un área de investigación que puede enriquecer nuestro conocimiento sobre el aprendizaje de lenguas en el contexto de la educación formal.

### *Palabras clave*

ASL. Lenguas extranjeras. Cognitivismo. Representación. Interlengua.

---

### Références

ALBUQUERQUE, T. R. K. **A Aquisição do movimento do verbo em francês como L2 por falantes do português brasileiro**. 140f. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ATKINSON, D. Introduction : Cognitivism and second language acquisition. In : ATKINSON, D. (Org.) **Alternative Approaches to Second Language Acquisition**. London: Routledge, 2011 ; p. 1-23.

CHOMSKY, N. A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior. In: **Language**, v. 35, n. 1, 1959. p. 26-58.

\_\_\_\_\_. **Knowledge of language** : Its nature, origin and use. New York: Praeger, 1986.

\_\_\_\_\_. **The Minimalist Program**. Cambridge : MIT Press, 1995.

DE HOUWER, A. Early bilingual acquisition : Focus on morphosyntax and the Separate Development Hypothesis. In: KROLL, J. F. ; DE GROOT, A. M. B. (Org.). **Handbook of Bilingualism** : Psychological Aspects. New York: Oxford University Press, 2005 ; p. 30-48.

CORDER, P. The significance of learner's errors. In : **International Review of Applied Linguistics**, v. 5, Berlin : De Gruyter, 1967 ; p. 161-170.

DAVIES, A. **The Native Speaker** : Myth and Reality. Clevedon : Multilingual Matters, 2003.

\_\_\_\_\_. The Native Speaker in Applied Linguistics. In : DAVIES, A ; ELDER, C. (Ed.). **The Handbook of Applied Linguistics**, Malden, MA : Blackwell, 2004 ; p. 431-450.

DE HOUWER, A. Early bilingual acquisition : Focus on morphosyntax and the Separate Development Hypothesis. In : KROLL, J. F. ; DE GROOT, A. M. B. (Org.). **Handbook of Bilingualism** : Psychological Aspects. New York : Oxford University Press, 2005 ; p. 30-48.

DOUGHTY, C. J. ; LONG, M. H. The Scope of Inquiry and Goals of SLA. In : DOUGHTY, C. J. ; LONG, M. H. (Org.). **The Handbook of Second Language Acquisition**. Malden : Blackwell, 2003 ; p. 3-16.

FRANCIS, N. Imbalances in bilingual development : A key to understanding the faculty of language.

In : **Language Sciences**. v. 33, 2011 ; p. 76-89.

GASS, S. ; SELINKER, L. **Second Language Acquisition : An Introductory Course**. 3rd ed. New York: Routledge/Taylor Francis, 2008.

HAWKINS, R. ; CHAN, C.Y. H. The partial availability of Universal Grammar in second language acquisition : The 'Failed Functional Features Hypothesis'. In : **Second Language Research**, v. 13, n° 3, 1997. p. 187-226.

HERSCHENSOHN, J. Minimally raising the verb issue. In : GREENHILL, A. et al. (Eds.). **Proceedings of the 22nd Annual Boston University Conference on Language Development**. Somerville, MA : Cascadilla Press, 1998 ; p. 325-336.

\_\_\_\_\_. Age-related effects. In : HERSCHENSOHN, J. ; YOUNG-SCHOLTEN, M. (Org.). **The Cambridge Handbook of Second Language Acquisition**. Cambridge : Cambridge University Press, 2013 ; p. 317-337.

KRASHEN, S. **Second Language Acquisition and Second Language Learning**. Los Angeles : University of Southern California, 2002 [1ed.1981].

KROLL, J. F. ; BOBB, S. C. ; HOSHINO, N. Two languages in mind : Bilingualism as a tool to investigate language, cognition, and the brain. In : **Current Directions in Psychological Science**. v. 23, n° 3, 2014 ; p. 159-163.

LADO, R. **Linguistics Across Cultures**. Ann Arbor : University of Michigan Press, 1957.

LARDIERE, D. Mapping features to forms in second language acquisition. In : ARCHIBALD, J. (Ed.). **Second Language Acquisition and Linguistic Theory**. Oxford : Blackwell, 2000 ; p. 102-129.

LATTEY, E. Contexts for Second Language Acquisition. In : BLACKSHIRE-BELAY, C. A. (Org.) **Current Issues in Second Language Acquisition and Development**. Lanham : University Press of America, 1994 ; p. 77-94.

LONG, M. H. Stabilization and Fossilization in Interlanguage Development. In : DOUGHTY, C. J. ; LONG, M. H. (Org.). **The Handbook of Second Language Acquisition**. Malden: Blackwell, 2003 ; p. 487-535.

MONTRUL, S. A. **Incomplete acquisition in bilingualism**. Amsterdam/Philadelphia : John Benjamins, 2008.

MYLES, F. Theoretical approaches. In : HERSCHENSOHN, J. ; YOUNG-SCHOLTEN, M. (Org.). **The Cambridge Handbook of Second Language Acquisition**. Cambridge : Cambridge University Press, 2013 ; p. 46-70.

NORRIS, J. ; ORTEGA, L. Defining and Measuring SLA. In : DOUGHTY, C. J. ; LONG, M. H. (Org.). **The Handbook of Second Language Acquisition**. Malden : Blackwell, 2003 ; p. 717-761.

ODLIN, T. Cross-Linguistic Influence. In : DOUGHTY, C. J. ; LONG, M. H. (Org.). **The Handbook of Second Language Acquisition**. Malden : Blackwell, 2003 ; p. 436-486.

ORTEGA, L. SLA after the Social Turn. In : ATKINSON, D. (Org.) **Alternative Approaches to Second Language Acquisition**. London : Routledge, 2011 ; p. 167-180.

PAVLENKO, A. ; JARVIS, S. Bidirectional transfer. In : **Applied Linguistics**, v. 23, 2002 ; p. 190-214.

PELUSO CRESPI, L. Lengua maternal y primera: ¿son teórica y metodológicamente equiparables? In : **Sección: Artículos, Lingüística**, 1997. Disponível em <www.cultura-sorda.org>. Acesso em: 06 nov. 2017.

ROTHMAN, J. ; CABRELI AMARO, J. ; DE BOT, K. Third language acquisition. In: HERSCHENSOHN, J. ; YOUNG-SCHOLTEN, M. (Org.). **The Cambridge Handbook of Second Language Acquisition**. Cambridge : Cambridge University Press, 2013 ; p. 372-393.

RUAS, S. S. A. **Aquisição da ordem de palavras do espanhol mexicano como L2 por falantes adultos brasileiros**. 386 f. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

\_\_\_\_\_. A pesquisa gerativista em Aquisição de Segunda Língua : uma revisão. In : CARVALHO, D. S. ; TEIXEIRA DE SOUSA, L. (Org.). **Gramática Gerativa em Perspectiva**, São Paulo : Blucher, 2018.

SAUTER, K. **Transfer and Access to Universal Grammar in Adult Second Language Acquisition**. 2002. 212 p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculteit der Letteren, Rijksuniversiteit Groningen, 2002.

SAVILLE-TROIKE, M. **Introducing Second Language Acquisition**. Cambridge : Cambridge University Press, 2006.

SELINKER, L. **Interlanguage**. International Review of Applied Linguistics, v. 10, 1972 ; p. 209-231.

SKINNER, B. F. **Verbal behavior**. Englewood Cliffs : Prentice-Hall, 1957.

SCHWARTZ, B. D. ; SPROUSE, R. A. Generative approaches and the poverty of the stimulus. In : HERSCHENSOHN, J. ; YOUNG-SCHOLTEN, M. (Org.). **The Cambridge Handbook of Second Language Acquisition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013 ; p. 137-158.

SMITH, N. ; TSIMPLI, I. M. **The Mind of a Savant**. Oxford : Blackwell, 1995.

SORACE, A. Initial states, end-states, and residual optionality in L2 acquisition. In : GREENHILL, A. ; LITTLEFIELD, H. ; TANO, C. (Eds.). **Proceedings of the 23rd Boston University Conference on Language Development**. Somerville : Cascadilla Press, 1999 ; p. 666-674.

\_\_\_\_\_. Near-Native. In: DOUGHTY, C. J. ; LONG, M. H. (Eds.). **The Handbook of Second Language Acquisition**. Malden: Blackwell, 2003 ; p. 130-151.

\_\_\_\_\_. Pinning down the concept of “interface” in bilingualism. In : **Linguistic Approaches to Bilingualism**, v. 1, n. 1, 2011 ; p. 1-33.

TSIMPLI, I. M. ; MASTROPAVLOU, M. Feature interpretability in L2 acquisition and SLI : Greek clitics and determiners. In : LICERAS, J.M. ; ZOBL, H. ; GOODLUCK, H. (Eds.), **The Role of Formal Features in Second Language Acquisition**. New York : Lawrence Erlbaum Associates, 2008 ; p. 142-183.

TSIMPLI, I. M. ; ROUSSOU, A. Parameter-resetting in L2? **UCL Working Papers in Linguistics**, London, 1991 ; p. 149-170.

VALDÉS, G. ; FIGUEROA, R. A. **Bilingualism and testing** : A special case of bias. Norwood : Ablex, 1994.

VALENZUELA, E. On Complementizer Phrase Positions in L2 Spanish. In : LICERAS, J.M. ; ZOBL, H. ; GOODLUCK, H. (Eds.), **The Role of Formal Features in Second Language Acquisition**. New York : Lawrence Erlbaum Associates, 2008 ; p. 535–560.

WEINREICH, U. **Languages in Contact**. The Hague: Mouton, 1953.

WHITE, L. On the Nature of Interlanguage Representation : Universal Grammar in the Second Language. In : DOUGHTY, C. J. ; LONG, M. H. (Org.). **The Handbook of Second Language Acquisition**. Malden : Blackwell, 2003a ; p. 19-42.

\_\_\_\_\_. **Second Language Acquisition and Universal Grammar**. Cambridge : Cambridge University Press, 2003b.

---

Date de remise au comité de rédaction d'AntipodeS

le dimanche, 11 juin 2017

---

Date de publication

le mercredi, 27 février 2019

---

Pour citer cet article

RUAS, Samara S.A. Aquisição de Segunda Língua e aprendizagem de línguas estrangeiras: Representação e Interlíngua. **AntipodeS - Études de langue française en terres non francophones**. São Salvador da Bahia de todos os Santos, Brésil : Universidade Federal da Bahia, vol. 1, n° 1, juillet / décembre 2018 ; p. 61-83. Rubrique Didactique. ISSN électronique : 2596-1837. Disponible en <<https://portalseer.ufba.br/index.php/Antipodes>>. Mis en ligne le 27 février 2019.

---

L'auteur

RUAS, Samara

Docteur, Professora Adjunta, Coordinatrice du Secteur d'espagnol, Departement des Lettres Romanes, Institut des Lettres, Universidade Federal da Bahia

Adresse postale : UFBA, Instituto de Letras, rua Barão de Jeremoabo, n° 147, Campus Universitário de Ondina, CEP : 40170-115, Salvador - BA, Brasil  
Adresse électronique : [samara.ruas@ufba.br](mailto:samara.ruas@ufba.br)

---

Droits d'utilisation



Cet article est publié sous la protection de la licence *Creative Commons* de type *Attribution-*

*NonCommercial-ShareAlike 4.0 International*, dont les termes sont consultables en ligne à l'adresse <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/legalcode> : ses contenus sont publiés gratuitement et libres de droits d'utilisation non commerciale par un tiers, ce dernier étant soumis à l'obligation de citation de source, de déclaration de toute altération et de publication dans les termes de la même licence.

---

Éditeur



AntipodeS - Études de langue française en terres non francophones  
<https://portalseer.ufba.br/index.php/Antipodes>

Departamento de letras românicas  
Instituto de letras  
Universidade federal da Bahia

São Salvador da bahia de todos os Santos  
Brasil

---

---

---